

# Mapeando a guerra: uma análise das dinâmicas de homicídios retaliatórios em Belo Horizonte<sup>1</sup>

Rafael Lacerda Silveira Rocha (CRISP/UFMG)

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo central a análise de uma rivalidade violenta, ou *guerra*, entre dois coletivos criminais em um bairro de periferia na zona leste de Belo Horizonte. O principal foco da pesquisa são os homicídios retaliatórios entre os grupos, e como estes se orientam ao redor de justificativas morais acerca da vingança e necessidade de retaliações violentas. O artigo visa justamente traçar um retrato parcial desta *guerra*, ao descrever as circunstâncias de cada um desses assassinatos, e mostrar como, em determinados momentos, seus participantes ocuparam os papéis tanto de autores, como de vítimas em agressões subsequentes.

A cidade de Belo Horizonte passou por um intenso processo de redução dos homicídios nos últimos 15 anos. No ano de 2004 o Brasil registrava uma taxa de 27 homicídios por 100 mil habitantes, enquanto a capital mineira registrava uma taxa de 64,7 hom./100 mil habitantes, o que à época a colocava como uma das capitais mais violentas do país (WASELFISZ, 2010). Uma década e meia depois, no ano de 2018 esta taxa era de 16,5 homicídios por 100 mil em Belo Horizonte. Mas mesmo com uma redução tão intensa, o perfil das vítimas desses assassinatos se manteve basicamente o mesmo: jovens, pretos ou pardos, do sexo masculino e moradores de favelas e bairros periféricos da capital mineira<sup>2</sup>.

É justamente nesses bairros de periferia de Belo Horizonte que a dinâmicas de parte significativa dos homicídios responde a uma lógica de conflitos violentos — as chamadas *guerras* — entre grupos de jovens armados coexistindo em um mesmo bairro, em uma rede intrincada de rivalidades, alianças e retaliações. Essa pulverização dos jovens em inúmeros grupos de tamanho reduzido, que às vezes se denominam de gangues, gera um efeito de multiplicação das rivalidades e dos confrontos violentos entre os grupos, o que é apontado como um dos principais fatores para o

---

<sup>1</sup> 44º Encontro Anual da ANPOCS, GT24 – Mercados ilícitos e dinâmicas criminais.

<sup>2</sup> Em 2018 o perfil das vítimas de violência letal em Belo Horizonte foi tema de uma Comissão Especial da Câmara Municipal de Vereadores para estudo do genocídio da juventude negra e pobre. Disponível em: <https://bit.ly/2IGalk0>.

aumento dos homicídios em Belo Horizonte e nas cidades de sua região metropolitana no início dos anos 2000 (CRUZ, 2010; ROCHA, 2015, 2017; ZILLI, 2004, 2011).

A presente pesquisa parte da premissa que é necessário se analisar os crimes violentos, especialmente os assassinatos, como fenômenos que não ocorrem de maneira isolada ou independentes entre si – os homicídios se inserem em contextos não apenas espaciais, mas principalmente, das relações pautadas por normas, práticas e códigos morais específicos. Um olhar atomizado sobre essas mortes, que aborde cada uma dessas situações como um caso independente, tende a buscar sua compreensão nas características dos atores envolvidos, pontos das trajetórias individuais que certamente são importantes, mas muitas vezes dizem mais acerca da forma como estes atores se inserem nesta dinâmica mais ampla do “mundo do crime”<sup>3</sup> das periferias da capital mineira do que dos homicídios em questão.

É importante ressaltar que embora a pesquisa tenha sido realizada em um bairro da zona leste da capital mineira, e portanto, apresente as características dos grupos e contextos locais, a dinâmica da *guerra*, assim como as noções de *correr atrás*, *covardia*, *certo no crime*, e as narrativas que mobilizam esses e outros elementos de uma gramática moral do “mundo do crime”, estão presentes, ainda que com suas particularidades, nas disputas entre grupos criminais em praticamente todos os estados brasileiros (MANSO & DIAS, 2018; PAIVA, 2019).

### **Articulações de uma gramática moral do crime nas periferias de Belo Horizonte**

Em meados dos anos 2000, quando comecei a trabalhar, e depois a fazer pesquisas, em bairros de periferia de Belo Horizonte, logo pude escutar dos moradores, e não raro, dos próprios integrantes das gangues e grupos criminais locais, que ao contrário do que era frequentemente relatado na mídia, suas rivalidades e conflitos não tinha como causa as disputas pelo tráfico de drogas. Embora uma parte significativa dos participantes destas dinâmicas de rivalidade violenta estivesse envolvida com práticas criminais como roubo de residências, assaltos e tráfico de drogas, mesmo que as disputas ao redor destes mercados pudesse provocar conflitos e agressões,

---

<sup>3</sup> Utilizo a noção nativa de “mundo do crime” como uma forma de descrever a representação de práticas e códigos que são orientados pelas atividades ilegais, sobretudo o tráfico de drogas e roubos, em consonância com Feltran (2008). Diversas vezes no decorrer do texto utilizo a expressão “do crime” para me referir a um indivíduo ou ator percebido como inserido neste conjunto de práticas e códigos.

não eram a motivação central que sustentava a rivalidade violenta entre grupos nas periferias de Belo Horizonte muitas vezes por décadas (ROCHA, 2012 e 2015).

Além disso, sempre que pude acompanhar integrantes de grupos envolvidos em lados distintos de uma *guerra*, me chamava a atenção como duas noções específicas, *disposição* ou *covardia*, podiam ser utilizadas em duas interpretações e narrativas diametralmente opostas sobre uma mesma situação, geralmente uma agressão. Assim, o grupo que foi alvo da agressão, não raro apontava algum elemento de *covardia* naquele ataque (como a vítima estar desarmada, ou ter sido assassinada na casa de seus pais ou perto de seus filhos), enquanto o grupo agressor poderia apontar a *disposição* do agressor para se expor ao risco durante a realização do ataque. Nesse tipo de situação, que é extremamente comum nas guerras entre grupos criminais nas periferias da capital mineira (ZILLI, 2011; ROCHA, 2012 e 2017), ambos os grupos mobilizam elementos que me parecem fazer parte do marco discursivo do crime (FELTRAN, 2011) nas periferias de Belo Horizonte: as duas partes evocam a noção de *guerra* e a consequente matabilidade daqueles que dela tomam parte, posto de um lado valores positivos do agressor, tais como ter *sangue no olho* ou *disposição*, enquanto o lado vitimado naquela agressão pode mobilizar as noções de *covardia* ou *traíração* como uma forma de acusação que apontaria uma eventual ruptura com o regime normativo do crime. A questão que se coloca, portanto, é a seguinte: como duas narrativas diametralmente opostas sobre um mesmo fato podem coexistir e encontrar legitimidade dentro do mesmo regime normativo do crime nas periferias de Belo Horizonte?

Foi justamente esse tipo de situação recorrente em minhas pesquisas em bairros de periferia das regiões sul e leste de Belo Horizonte, que me fez questionar a transposição para a sociologia sem maiores questionamentos, da categoria nativa da “lei do crime” (ou “lei do tráfico”). A noção de lei se refere predominantemente a normas e preceitos relativamente formalizados, que compõem um corpo coerente de regras com o objetivo de regular determinadas atividades da vida social. A existência da lei remete à necessidade de uma autoridade competente, geralmente na figura do Estado, mas não apenas desse, de modo a garantir a aplicação dessas regras e de suas consequências sobre aqueles que as desrespeitaram. A situação na qual dois grupos rivais se encontram após uma agressão ou assassinato não poderia ser mais distante disso: não somente os elementos que compõem o conteúdo moral acerca da *guerra* são extremamente difusos e desarticulados, como não existia nenhum tipo de

autoridade ou instância superior de decisão à qual esses grupos podem recorrer de forma a validar suas narrativas e assegurar que uma eventual punição ou validação fosse aplicada. Como discuto na conclusão deste artigo, a ausência de um terceiro capaz de arbitrar os conflitos entre os participantes do “mundo do crime”, e a consequente desarticulação dos elementos que compõem este regime moral específico são as duas principais características da dinâmica de *guerras* e homicídios retaliatórios nas periferias de Belo Horizonte.

A noção de uma gramática moral do mundo do crime me pareceu mais adequada para lidar com esse corpo fragmentado de elementos normativos do que a ideia um tanto monolítica de uma “lei do crime”. Essa gramática seria composta por uma coleção de princípios, práticas, interdições e tipos que por si só não estão prontos, mas que podem ser articulados em narrativas morais e operacionalizados pelos atores na forma de acusações ou justificativas. Ao contrário da ideia de uma “lei do crime” que opere como um simulacro do direito estatal, especialmente do código penal, com a apresentação linear de uma descrição do desvio e da penalidade a ser aplicada aos desviantes, os elementos da gramática moral do crime podem ser operacionalizados de forma relativamente desarticulada por atores distintos, e só fazem sentido a partir da articulação de seus tropos, tipologias e demais fragmentos normativos em uma narrativa.

Frente aos momentos críticos, aqueles nos quais ocorre uma espécie de ruptura na vida cotidiana, causada pela necessidade de reflexividade sobre aquela situação e a posição que o ator ocupa ou pretende ocupar nela (BOLTANSKI & THEVENOT, 1999), que os indivíduos associados às práticas do “mundo do crime” precisam operacionalizar esse conjunto de normas, interdições, práticas e tipologias que se apresentam de forma difusa, conforme o contexto daquela situação específica e seus envolvidos. De acordo com essa interpretação, a gramática moral do crime não está dada: ela precisa ser operacionalizada pelos atores envolvidos de maneira coerente com o contexto e apropriada ao seu discurso, afinal, essa gramática é um repositório de noções morais, sendo, portanto, a base de possíveis narrativas, mas não de uma narrativa em si mesma. Como aponta Grillo (2019), longe de ser uma novidade, a noção de uma linguagem comum acerca da moralidade dos conflitos tem sido abordada em parte significativa das pesquisas qualitativas sobre o “mundo do crime” na última década:

A leitura da maioria das etnografias do “crime” indica haver uma linguagem comum em que os conflitos são deflagrados e debatidos, de modo que as diferentes perspectivas sobre o “proceder” (HIRATA, 2010; MARQUES, 2011) e as infinitas formas de argumentar com referência ao “certo” (GRILLO, 2013; LYRA, 2013) são formuladas no seio de uma linguagem própria. Emergem desse entendimento as ideias de “idioma do crime” (GRILLO, 2013), “dialeto da vida loka” (MALVASI, 2012), “marco discursivo do crime” (FELTRAN, 2011) e “gramática dos garotos” (LYRA, 2013). (GRILLO, 2019: 82)

A noção de gramática moral do crime busca ressaltar o caráter fragmentado e difuso desses elementos mobilizados na construção de uma narrativa moral acerca do que é certo e errado em cada configuração específica do “mundo do crime”, dos dispositivos para lidar com conflitos internos, e em última instância, acerca da matabilidade ou não de um sujeito. E ainda que, em determinadas configurações regionais (como no caso das periferias paulistas) este regime normativo do crime possa ser bastante coeso, com normas e práticas consideradas legítimas, assim como suas interdições e formas de sociabilidade, esses sempre precisam ser operacionalizados pelos atores frente a seus pares, ou seja, inseridos em uma narrativa que disputa por legitimidade, de modo a operar como justificativa válida naquela situação de ruptura frente ao cotidiano.

Esse me parece ser um repertório teórico adequado para a análise das rivalidades grupais ou *guerras*, que frequentemente se estendem por anos nas periferias de Belo Horizonte. Independente da intensidade da disputa inicial que coloca dois grupos nesse tipo de oposição violenta, o que vai manter a dinâmica da guerra em movimento por anos é o fato que cada morte e agressão não apenas demanda uma nova retaliação, mas também pode inserir outros participantes na disputa e abrir toda uma nova rodada de justificativas acerca da matabilidade dos rivais (MANSO, 2005; ROCHA, 2012).

### **Estratégias metodológicas**

A pesquisa de doutorado que deu origem a este trabalho foi realizada na zona leste de Belo Horizonte, especificamente nos bairros vizinhos Alto Vera Cruz, Taquaril e Granja de Freitas, consideradas algumas das localidades mais violentas da capital mineira. No entanto, este trabalho tem como enfoque específico a rivalidade violenta entre coletivos criminais do bairro Alto Vera Cruz, que foi mapeada por meio de entrevistas e análises de documentos produzidos nas investigações de homicídios.

O cerne da pesquisa é composto por observação etnográfica durante cerca de um ano e meio e a realização de 16 entrevistas em profundidade com atores locais que estiveram inseridos no “mundo do crime”, assim como lideranças comunitárias, membros de igrejas evangélicas e do movimento hip-hop, que possuem em comum a atuação junto aos jovens envolvidos com as dinâmicas de tráfico de drogas e homicídios no Alto Vera Cruz.

Em paralelo também foram analisados 89 inquéritos policiais de homicídios ocorridos no Alto Vera Cruz entre os anos de 2010 e 2014 (o recorte temporal se deu devido ao fato da coleta de dados ter sido realizada nos anos de 2015 e 2016) como forma de buscar relações, especialmente de caráter retaliatório, entre os participantes dessas mortes violentas ocorridas no período. Além das informações sobre as ocorrências em si (data, local, arma e descrição dos homicídios), e dos envolvidos, foram registradas as falas de testemunhas ouvidas acerca da filiação dos envolvidos nos assassinatos com algum dos grupos em *guerra* no bairro, assim como registros prévios no sistema de justiça que apontassem para o pertencimento de algum desses atores nos grupos criminais envolvidos na rivalidade violenta analisada.

É importante ressaltar que a intensificação da rivalidade violenta entre os grupos do Pança e da Ita no Alto Vera Cruz ocorreu entre os anos de 2013 e 2015, sendo encerrada no início de 2016, período que não coaduna completamente com o recorte dos dados dos inquéritos policiais coletados para esta pesquisa, que se referem ao período entre 2010 e 2014. Dessa forma, consegui mapear de maneira consistente, ao menos de forma a traçar as conexões entre as mortes, somente em relação os assassinatos que se deram na primeira metade dessa guerra entre os grupos – seu início em 2013 e a explosão dos homicídios retaliatórios no ano seguinte –, sem conseguir dados dos inquéritos policiais para discutir a continuidade da guerra em 2015 e seu arrefecimento em 2016, ainda que esse momento tenha sido discutido durante nas entrevistas. Dessa forma, não reproduzi a dinâmica da segunda metade da guerra de forma tão minuciosa, traçando sua expansão homicídio por homicídio, mas ainda assim, pude escutar de meus interlocutores sobre este período dos conflitos no Alto Vera Cruz, e sobretudo, sobre seu esmorecimento no início de 2016.

### **Uma breve história do Alto Vera Cruz**

A expansão de Belo Horizonte, especialmente de sua região leste, teve grande impulso a partir da década de 1950 com o processo de industrialização da capital, no

qual bairros voltados aos operários foram criados na região sem a infraestrutura necessária para receber essas populações. Assim, as primeiras décadas da história desses novos bairros possuem em comum as narrativas sobre as iniciativas de mobilização popular e embate com o poder público para construção de escolas, postos de saúde, sistema de esgoto, energia elétrica, asfaltamento de vias e demais serviços necessários para uma vida digna.

O Alto Vera Cruz, bairro no extremo leste de Belo Horizonte, criado no terreno de um campo abandonado de extração de minério, se encaixa perfeitamente neste modelo. As primeiras décadas de existência do bairro foram marcadas pelo abandono do poder público, assim como intensas mobilizações comunitárias visando a implantação da infraestrutura básica para crescente população da região. Neste processo de décadas de luta e mobilização política, foram forjadas importantes associações comunitárias, como o Centro de Ação Comunitária do Alto Vera Cruz, popularmente chamado de CAC-VC, que viria a se tornar a instituição de representação coletiva mais importante da periferia da zona leste da capital. O crescimento populacional do Alto Vera Cruz, a atuação intensa e efetiva do CAC-VC, e os formatos das políticas urbanas da década de 1980, e posteriormente dos anos 2000, levaram a formação de dois bairros contíguos cuja história não pode ser dissociada do Alto Vera Cruz – o Taquaril e a Granja de Freitas, no limiar de Belo Horizonte com o município de Sabará.

Aproximadamente seis décadas após sua criação, no ano de 2010, o Alto Vera Cruz possuía 21.459 habitantes, sendo um dos bairros mais populosos e de maior densidade demográfica em Belo Horizonte<sup>4</sup>. Enquanto os bairros vizinhos Taquaril e Granja de Freitas possuem grandes áreas verdes e de caráter rural, o Alto Vera Cruz é um bairro essencialmente urbano, marcado por uma região mais antiga, que concentra a maior parte do comércio do bairro, e casas construídas em morros e encostas, de ocupação posterior.

Alguns dos meus interlocutores mais velhos apontaram para a proeminência do bairro no tráfico de drogas de Belo Horizonte, especialmente na década de 1990. Até meados daquela década, o Alto Vera Cruz era, junto com a Pedreira Prado Lopes, um dos bairros de maior destaque no comércio varejista de drogas ilegais, sobretudo após a chegada do comércio de crack à cidade, que aconteceu primeiro nessas duas

---

<sup>4</sup> Dentre os dez bairros mais populosos de Belo Horizonte, de acordo com o Censo 2010, o Alto Vera Cruz é o de menor território, com uma densidade habitacional de 24.067 habitantes por Km<sup>2</sup>.

localidades, até se expandir para outros bairros de periferia e favelas de Belo Horizonte. As guerras entre grupos criminais do próprio bairro marcaram a história do Alto Vera Cruz, muitas delas iniciadas por disputas associadas à atividade do tráfico de drogas, mas que adquirem uma dinâmica retaliatória na qual as próprias agressões e violências se tornam pivôs de confrontos subsequentes. Dentre estas rivalidades violentas, uma das mais longevas é guerra entre as regiões conhecidas como Cruzeiroirinho e Buraco do Sapo, que teve origem ainda no final da década de 1980. Rodrigo, oficinairo do Programa Fica Vivo!, egresso do sistema prisional e um de meus principais interlocutores nesta pesquisa, descreve como essa guerra da qual fez parte começou ainda na geração de seu pai:

Há pouco tempo, a guerra que tinha era entre o Sapo e o Cruzeiroirinho, os meninos que são de hoje não têm nenhum da época praticamente de quando ela começou. Aquela época era Aladdin, Dudu e tal, uns caras mais antigos, tipo da época do meu pai mesmo. Os meninos estão lá hoje porque, tipo assim, já nasce com aquilo tipo ser do Cruzeiroirinho, ou ser do Sapo, cresce ouvindo as histórias...

*Mas se foi da época do seu pai, então foi quando isso? Tipo década de 80, de 70 que começou?*

Pelo final dos anos 80, essa época mesmo. Aí é foda, o cara tipo já começa “eu sou do Cruzeiroirinho”, o outro já começa “eu sou do Sapo” e cresce com aquilo ali desde moleque. Por isso que eu gosto e procurei fazer parte do projeto [do Fica Vivo!] porque eu também fui assim. Teve uma época que aqui embaixo tava em guerra com o final [do Cruzeiroirinho] e na verdade eu mesmo não tinha nada a ver com essa treta, mas só porque eu era daqui, onde for que eu trombava com os caras, já dava um choque...

Aqui, no Buraco do Sapo, era bem falado, sabe, assim era mais perigoso porque aqui o índice de homicídio era demais. Eu mesmo perdi amigo demais. Olha, para você ver, eu tenho 24 anos, a maioria dos meus amigos que envolveu, a maioria morreu ou tá preso com muita cadeia, tipo 25 anos de cadeia, entendeu? E na verdade se envolveu com coisa que nem a gente sabia direito o porquê, tá ali, guerreando, mas nem sabia o fundamento da guerra direito. Entrava, tipo, naquela “eu sou daqui, eu tenho que correr atrás, não posso deixar os caras de lá zoar aqui” e é isso aí, na hora que vê, já tá todo fodido...

Esta guerra iniciada ainda na década de 1980, teve momentos de menor e maior intensidade dos conflitos armados, até o ano 2004, quando novamente a “guerra estourou” e alcançou seu ápice com um total de 48 assassinatos no bairro. Segundo Rodrigo, esta guerra só foi efetivamente concluída por volta de 2006, pois “morreu quase todo mundo, e quem não morreu fugiu daqui”, especificamente da região do Buraco do Sapo, cujo grupo foi praticamente exterminado. Após o término da guerra



entre as regiões do Cruzeiro e Buraco do Sapo, o Alto Vera Cruz vivenciou um período de relativa estabilidade na dinâmica de conflitos locais, que durou aproximadamente até o ano de 2013, quando eclode uma nova guerra, desta vez entre as gangues do Pança e da rua Itamar, ou simplesmente Ita.

### **Uma guerra em três atos**

A relação entre os grupos criminais, ou gangues, do Alto Vera Cruz é marcada por rivalidades e tensões, que como visto anteriormente, se intensificam e eclodem nos períodos em que “a guerra estoura”. Neste sentido, foram comuns as falas de meus interlocutores no Alto Vera Cruz<sup>5</sup> que, mesmo em períodos de relativa tranquilidade, determinados jovens não podiam circular em algumas partes do bairro por terem “guerras com os caras de lá”, ou ainda, que em certos momentos, devido a algum desentendimento, agressão ou homicídio, a “guerra esteve prestes a estourar de novo”. A *guerra* nas periferias e favelas de Belo Horizonte é entendida como uma rivalidade violenta de longa duração (que pode durar anos ou mesmo décadas) entre dois indivíduos ou grupos, que a qualquer momento pode gerar agressões e tentativas de homicídio, especialmente quando os percursos de seus participantes se encontram dentro do bairro<sup>6</sup>.

Em determinados momentos uma *guerra* pode vir a estourar, ou seja, se tornar um conflito aberto que passa a envolver cada vez mais atores em suas dinâmicas de agressões e homicídios, muitas vezes pessoas até então não inseridas diretamente nesta rivalidade, como familiares e amigos dos participantes iniciais da guerra. Quando a guerra estoura nesses bairros, os tiroteios se tornam extremamente frequentes, muitas vezes à luz do dia, o que afeta profundamente a vida de todas as pessoas que vivem ali. Wander, uma liderança comunitária e do hip-hop no Taquaril (bairro vizinho ao Alto Vera Cruz), descreve como uma guerra que estourou em 2003 afetou profundamente ele, que era amigo de um dos envolvidos na guerra, mas trabalhava em uma rádio comunitária do outro lado do bairro, e o bairro como um todo:

Os caras desciam lá, davam tiro de madrugada. Os caras subiam aqui, davam tiro de madrugada. Aí, nessas, mataram o irmão de um dos caras que era envolvido na parada, mas o irmão dele, que levou tiro,

---

<sup>5</sup> Mas também em outros bairros da zona leste e (Rocha, 2017) outra favela na zona sul de Belo Horizonte (Rocha, 2015)

<sup>6</sup> Tentativa da polícia militar de proibir eventos no Santa Lúcia

não era. Boiou no bar de madrugada, os caras foram lá e matou, e o trem começou a fugir de controle, e aí depois, foi foda, começaram a matar as mulheres, namorada, parente...

Aí fodeu mesmo, pra quem era jovem, igual eu na época, amigo dos caras, sair de casa era foda, ir trabalhar era complicado, eu tinha que ir meio escondido pra rádio, dar a maior volta. Essa rua do lado de cá [rua na esquina do local da entrevista], você tá ligado, eu fiquei de 2003 até 2006 sem passar por essa rua. Só passava dentro do ônibus, e mesmo assim, chegava ali na esquina, às vezes a gente tinha que abaixar para passar e os caras não verem pela janela.

(...) E a comunidade pagou um preço muito alto, velho, tipo assim, isso é uma cicatriz na comunidade que nunca vai fechar. Que as pessoas que morreram, morreram sem ter nada a ver com a parada. E a quebrada ficou muito tempo sem a juventude poder circular, ficar nos bares igual ficava e tal. Rompeu com uma pá de coisas. Tipo, aquela tranquilidade de você ir e vir, ela foi totalmente quebrada. Estar fora daqui era melhor opção que a pessoa tinha naquela época lá.

Este trabalho tem como foco uma guerra no Alto Vera Cruz e que *estourou* de 2014 até o início de 2016, com foco especificamente na primeira metade do conflito. A dinâmica retratada a seguir descreve como a rivalidade entre, de um lado o grupo da Rua Ita, e de outro o grupo do Pança, e posteriormente do Buraco do Sapo, eclodiu em conflitos armados que deixaram mais de duas dezenas de mortos em pouco mais de dois anos. Optei por dividir a análise em três momentos cronológicos distintos como forma de ressaltar a mudança da dinâmica de agressões e das justificativas morais envolvidas em cada um destes recortes.

### **A covardia e o aumento da tensão**

Durante minhas conversas e entrevistas no Alto Vera Cruz, ao perguntar sobre a guerra que estourou em 2014, alguns dos interlocutores apontaram para um episódio prévio, que foi determinante para o escalamento das tensões e agressões violentas entre os grupos do Pança e da Rua Ita:

**Situação 1 – Fevereiro de 2013:** Danilo, 22 anos, integrante do grupo do Pança desconfia que sua namorada, Franciele, mantinha um relacionamento com Fred, jovem morador da mesma região. Após uma discussão com Franciele, Danilo passa a noite nos bares do bairro e logo pela manhã decide confrontar, armado, Fred na porta de sua casa. Porém, no caminho, Danilo é interpelado por seu próprio tio, Marcos, de 48 anos e também morador do bairro. Marcos tenta dissuadir seu sobrinho, mas este segue em direção a padaria onde Fred estaria. Ao perceber que Danilo estava bastante alterado e que sua argumentação não estava funcionando, Marcos correu até a Fred a

fim de avisá-lo. Neste instante Danilo deu onze tiros contra a dupla, matando seu tio Marcos e ferindo Fred gravemente.

De acordo com os moradores, o assassinato de Marcos por seu sobrinho, marca uma intensificação das hostilidades entre os grupos do Pança e da Ita. Historicamente, o grupo do Pança sempre foi formado por pessoas mais velhas, com participação importante no tráfico de drogas no Alto Vez Cruz e na zona leste da capital mineira, e que, portanto, eram tidos como mais “conceituados” no crime tanto por sua articulação com outros grupos de Belo Horizonte, como por certa tradição na criminalidade local. Os integrantes do grupo da Rua Ita, por sua vez, eram em geral adolescentes, de uma parte mais precária do bairro, e sem grande organização de suas atividades criminais.

O assassinato cometido por Danilo provoca revolta nos moradores, visto que não apenas Fred e Marcos estavam desarmados, como Marcos, além de tio de Danilo, era também um morador bastante querido no bairro, e, sobretudo, não tinha envolvimento com a criminalidade. Tanto meus interlocutores, como as testemunhas ouvidas no inquérito policial deste homicídio, apontam que outros atores “do crime” no Alto Vera Cruz passam a apontar a *covardia* de Danilo contra seu próprio tio, sobretudo integrantes do grupo da Ita, que passam a questionar publicamente o *proceder*, a conduta moral no crime, dos integrantes da gangue do Pança, que acolheram Danilo apesar da *covardia* por ele cometida.

Na língua portuguesa, o adjetivo covardia possui dois significados principais: comportamento que expressa falta de coragem, um gesto caracterizado pelo medo ou temor; ou uma violência efetuada contra uma pessoa mais fraca. A noção de *covardia* utilizada no contexto das periferias de Belo Horizonte se aproxima mais da segunda definição do adjetivo, mas possui implicações morais muito mais profundas, sendo frequente mobilizada como uma forma de acusação contra outra pessoa ou grupo inserido nas dinâmicas do “mundo do crime”. Ao questionar com Valdir, um de meus interlocutores, se o episódio de um jovem envolvido na guerra que foi assassinado quando trabalhava com seu pai em uma obra configuraria uma covardia, ele aponta a dificuldade de definir a *covardia* no crime, já que está pode ser a resposta a um erro anterior:

Tipo assim, covardia pra quem? Pra “sociedade de cá” ou pra “sociedade do crime”? Porque se o cara fez uma coisa pra se vingar lá, a “sociedade daqui” fala: “nó pegou o cara desarmado, o cara tava trabalhando, que absurdo”. Mas e se ele fez um crime antes?

E se deu um vacilo no crime? Dependendo do vacilo, pode justificar a maior das crueldades. Às vezes a gente vai olhar e falar que é covardia, mas pro crime às vezes não, às vezes era o certo matar mesmo.

Valdir, uma jovem liderança religiosa que mantém um amplo diálogo com os jovens “do crime”, pontua de maneira cirúrgica: “covardia pra quem?” O vacilo anterior, a falha na perspectiva do “mundo do crime”, pode vir a legitimar um discurso moral que sustenta a necessidade de um extermínio cruel, livre de chances de defesa da vítima, sem que isso necessariamente incorra em uma acusação de *covardia*. O problema se desloca então para o ato prévio, o eventual erro ou vacilo que pode marcar a diferença na categorização de um homicídio como justo ou como uma *covardia* na perspectiva do “mundo do crime” nas periferias e quebradas da capital mineira.

Dessa forma, uma questão central no contexto das periferias de Belo Horizonte é a amplitude do que pode ser considerado uma falha e, sendo assim, que situação pode ou não ser vista como uma *covardia*, uma punição desproporcional ou apenas como um caso de uso válido da violência no contexto das relações entre os atores “do crime”. Como tenho apontado em outros trabalhos (ROCHA 2017, 2020), a ausência de um ator que se coloque no papel de terceiro, ou seja, que possa mediar ou gerir as relações potencialmente violentas do “mundo do crime”, como ocorre nas periferias de Belo Horizonte, potencializa essa interpretação bastante ampla de determinadas situações sob a luz de acusações de *covardia*, na qual o grupo que sofreu a agressão sempre aponta a *covardia* do ato, e aquele que agrediu aponta para uma ofensa, vacilo ou agressão anterior como justificativa para o que seria, então, apenas uma retaliação justa. Nesse contexto, os lados distintos do conflito elaboram narrativas destoantes sobre uma situação específica e a condução moral dos atores nela envolvidos, geralmente apregoando a falha de conduta “no crime” ao outro lado e utilizando essa justificativa para manutenção de um curso de revides e retaliações violentas.

De volta ao Alto Vera Cruz em 2013. Após acusarem publicamente Danilo de ter cometido uma *covardia* contra Marcos e Fred, e os demais integrantes do grupo do Pança de serem coniventes com este erro, as tensões entre os grupos da Rua Ita e do Pança se acirram e algumas trocas de tiros são registradas nos meses seguintes. Ainda em 2013, no mês de agosto, dois jovens integrantes do grupo da Ita tentam matar Danilo ao encontrá-lo em uma festa. Ele é baleado, mas sobrevive e logo se muda do bairro.

### ***A cadeia de homicídios***

O ano de 2014 começou marcado pelos tiroteios entre os grupos, e um clima de tensão no Alto Vera Cruz, sobretudo quando anoitecia. Figuras importantes do bairro, tanto do hip-hop, como da igreja, ou mesmo antigas referências “do crime” tentaram intervir de forma a apaziguar a escalada do conflito. Mas, como relata Rodrigo, naquele bairro, em um determinado momento as estratégias e os esforços de mediação não foram suficientes, as mortes se acumulam, e a dinâmica das retaliações é colocada em movimento:

O problema é que as coisas tranquilizam, mas não morrem. É igual esse trem de Ita e Pança: morreu, apaziguou. Aí, só porque apaziguou o pessoal, a polícia, o Estado, o governo, sei lá quem, acha que não precisa de mais nada, reduziu os homicídios. Apaziguou, tá de boa, até um olhar torto pro outro. O negócio, a gente tem que lutar para tirar eles, tirar aquilo da cabeça deles porque, se ficar ali, eu vou falar pra você... Essa treta do Ita antes de estourar com o Pança ela tava na época pra estourar, assim tava mais próxima, ela ficou de estourar tipo umas 3 vezes, mas sempre teve desembolo. Tipo assim, estourou uma situação, pessoal foi lá, conversou e resolveu, aí estourou de novo, deram tiro, e foi lá, conversou e resolveu. Depois estourou e morreu gente demais, aí não teve mais jeito...

A guerra efetivamente “estoura” em março de 2014, após três assassinatos em um intervalo de poucas horas, em uma trama complexa que envolve suspeitas, redes sociais e aparentemente alguns equívocos. Na noite do dia 22 de março, um carro com dois jovens, sendo um deles morador da rua Ita, é perseguido e alvejado por integrantes do grupo do Pança, e tanto o passageiro como o motorista são mortos. Algumas horas depois, na manhã do dia 23 de março, Zico, integrante do grupo do Pança, morto a tiros por dois jovens moradores da rua Ita como retaliação.

**Situação 2 – Março de 2014:** Wanderley e Hugo, de respectivamente 16 e 20 anos, ambos moradores do Alto Vera Cruz, saem no carro de Hugo para dar uma volta, passam pela região do grupo do Pança, onde, após um desentendimento, são perseguidos e mortos com inúmeros disparos. Milton, irmão de Hugo, em seu testemunho diz que o autor do homicídio teria sido Pedro, a mando de Zico, motivado pelo fato de que Zico e Wanderley se relacionavam com a mesma jovem, chamada Miriam, que teria, junto com Zico e Pedro, arquitetado um plano para matar Hugo.

**Situação 3 – Março de 2014:** Na manhã do dia seguinte após o

duplo assassinato de Wanderley e Hugo, Zico estava chegando em casa quando foi surpreendido por Gustavo e Marco Túlio, ambos com 17 anos, e integrantes da gangue da Ita, que o mataram com três tiros no peito.

De acordo com Picolé, morador da região do Pança e também oficineiro do programa Fica Vivo!, a primeira morte se deu por um desentendimento banal, uma discussão motivada pelo fato de Hugo, que dirigia o carro, ter passado em alta velocidade por uma rua da região do Pança, o que resultou em uma abordagem de moto pelos jovens do grupo do Pança, seguida de um bate-boca e a execução a tiros dos jovens no carro.

Além de Hugo, também foi morto Wanderley, jovem morador da rua Ita, que não era envolvido diretamente com as práticas e guerras dos jovens dali, mas obviamente os conhecia e tinha uma relação de proximidade com alguns deles. Faziam alguns meses que Wanderley estava saindo com Patrícia, uma jovem que no passado teve um relacionamento com Zico, um jovem integrante do Pança. Tão logo a notícia do assassinato de Wanderley e Hugo se espalhou pelo bairro, os integrantes do grupo da Ita começaram a especular que talvez ele tivesse sido vítima de uma armadilha articulada por Patrícia e seu ex-namorado Zico. Essa suspeita é reforçada quando os jovens da Ita, ao acessarem o perfil de facebook de Zico, viram a postagem recente de uma letra de música que foi interpretada como uma comemoração ao assassinato de Wanderley. Na manhã seguinte ao duplo homicídio, dois jovens da rua Ita passam de moto e matam Zico, que havia chegado de uma festa para comemorar a progressão de seu irmão que cumpria pena de prisão para o sistema semiaberto. Ainda de acordo com Picolé, a morte de Zico foi fruto de um mal-entendido, mas os três assassinatos daquele final de semana de março colocaram a engrenagem de homicídios retaliatórios em movimento no Alto Vera Cruz:

E nessa, eles [jovens da Ita] vieram no outro dia e mataram o Zico também. Ele chegou do sítio, tipo assim, chegou umas 4 ou 5 horas da manhã e foi no Facebook, e colocou assim, tinha uma música na época que cantava assim: “hoje eu tô feliz, hoje eu tô contente”, e ele postou essa frase no Facebook em alusão ao fato dele ter 3 anos que ele não conversava com o irmão dele, e o irmão dele veio de descida [da prisão] e eles passaram a conversar e foram pro sítio comemorar com a família.

E isso é foda porque os caras escutaram essa conversa sobre menina [Patrícia], depois foram no Facebook do cara e já acharam que ele tava até comemorando a morte do Wanderley. Depois eu fui perguntar,

e os caras me mandaram até *print* de conversa e tal, querendo justificar, tipo: “não matei errado não, olha aqui o que ele até colocou aqui – *“hoje eu tô feliz, hoje eu tô contente”*. E ele nem sabia... ele acordou umas 10 horas da manhã e foi pra rua e passaram ele. Ele morreu sem saber que o menino que tava ficando com a menina dele tinha morrido na madrugada!

Tipo um morreu uma hora da manhã, na verdade dois né, e o Zico morreu às dez do outro dia por esse motivo. Só que ele chegou em casa e ele não sabia o que tinha acontecido. Ele morreu, aí depois conversaram com o irmão dele, que tava de descida, e ele tipo assim: *“Agora nós queremos saber porque esse cara matou o meu irmão”*. Aí eles falaram por causa disso. Ele falou: *“Ô velho, nós nem sabia que esse cara tinha morrido 1 hora da madrugada, nós tava em tal lugar comemorando, nem celular pega lá”*. Tipo assim, ele morreu sem saber.

Esse [irmão de Zico] eu consegui, tipo assim, no dia eu conversei com ele e ele tá até preso de novo. Eu consegui convencê-lo de que não seria o caminho ele correr atrás dos caras não, sabe, que era melhor voltar pra caminhada dele. Aí ele tipo deixou de lado, só que, depois disso, mataram um outro primo dele por causa desse mesmo problema. Porque aí vira guerra, né, tipo assim, estourou mesmo, virou guerra. Olha o que rolou: depois disso, o primo do Zico matou um menino aqui de cima [da Ita]. Porque o cara que veio matar o Zico às 10 horas da manhã veio com um menino de moto, então o primo dele matou o menino que trouxe de moto. Correu atrás, né? E depois disso foi mais um monte...

Este final de semana com três assassinatos em menos de doze horas marcou o início da fase mais brutal da guerra entre os grupos do Pança e da Ita. Nos 18 meses seguintes, o Alto Vera Cruz registrou mais de 40 homicídios, fato que repercutiu, ainda que moderadamente, na mídia mineira.

Cerca de um mês e meio após os assassinatos de Hugo, Wanderley e Zico, o bairro registra um novo homicídio contra um jovem que integrava um grupo que, no momento, era aliado ao grupo do Pança:

**Situação 4 – Maio de 2014:** Kennedy e Guilherme, ambos moradores da região conhecida como Buraco do Sapo [aliada ao grupo do Pança], de respectivamente 16 e 19 anos, estavam jogando sinuca em um bar quando dois homens estacionaram um carro na porta do estabelecimento, entraram armados e pediram que Kennedy e Guilherme levantassem a camisa. Ao fazê-lo e mostrarem que estavam desarmados, um dos homens se aproximou e deu dois tiros na cabeça de Kennedy, que morreu na hora. Gustavo, posteriormente, identificou os atiradores como Washington e Marco Túlio, ambos da gangue da Ita.

A guerra não só estoura, mas se alastra. Outra rivalidade do bairro, entre os grupos das regiões do Cruzeiro e Buraco do Sapo, foi reacesa quando cada um

desses grupos se aliou com um lado do conflito entre Ita e Pança. O assassinato de Kennedy, (descrito na situação 4), jovem do Buraco do Sapo morto por dois membros do grupo da Ita, foi interpretado pelas testemunhas ouvidas pela Polícia Civil e demais moradores do bairro, como uma represália à associação dos integrantes do Buraco do Sapo ao grupo do Pança. Nove dias depois, os integrantes do grupo da Ita matam mais um rival:

**Situação 5 – Maio de 2014:** Em uma quinta-feira de tarde, Glauber, morador do Alto Vera Cruz, de 34 anos, e integrante do grupo do Pança, estava saindo de moto em direção ao centro de Belo Horizonte. Ao parar em um semáforo na avenida dos Andradas, via mais movimentada da regional leste, uma moto se emparelhou a sua e o condutor disparou três vezes contra Glauber, que morreu antes de chegar ao hospital. Segundo as investigações da polícia civil, o autor do assassinato foi Marco Túlio, integrante do grupo da rua Ita.

De acordo com meus interlocutores, Glauber aparece como uma pessoa muito envolvida no tráfico de drogas na região e que em anos anteriores teve alguma liderança no grupo do Pança. Marco Túlio, por sua vez, era sobrinho de Dudu e Tico, duas lideranças importantes do grupo da Ita, e foi morto apenas três dias após o assassinato de Glauber, durante uma troca de tiros com a polícia militar em uma das principais vias do Alto Vera Cruz, aos 17 anos de idade. O assassinato de Glauber (S.5) tem um desdobramento direto exatamente após uma semana:

**Situação 6 – Maio de 2014:** Mário “Tamanduá”, morador do Alto Vera Cruz, de 48 anos, teve uma passagem no sistema prisional por homicídio, e uma por tentativa de homicídio, onde cumpriu um total de 9 anos. Esta tentativa de homicídio se relaciona a uma briga com João, um jovem que é parente de alguns integrantes do grupo do Pança, que o chutou e a quem Mário revidou com uma facada. Durante esse episódio, a ação de Mário foi vista como uma covardia, especialmente por João ter apenas 14 anos na época, e Mário sofreu uma tentativa de linchamento, interrompida pela polícia militar, que o prendeu em flagrante.

Dois meses após sua saída da prisão, Mário estava trabalhando em uma obra fora do Alto Vera Cruz, mas, segundo sua esposa, haviam rumores no bairro de que ele estaria preparando uma vingança contra aqueles que o agrediram – em sua maioria integrantes do grupo do Pança. Assim, de acordo com o testemunho de Diogo, um de seus amigos próximos, Mário se aproximou de alguns integrantes do grupo da Ita e se ofereceu para monitorar a movimentação dos membros do grupo do Pança, que passavam pela rua em que ele morava quando precisavam sair do morro. Diogo



aponta que a morte de Glauber (Situação 5) se deu justamente assim – Mário informou ao grupo da Ita por celular quando Glauber estava de moto sozinho saindo do bairro. Ainda segundo o testemunho de Diogo para a polícia civil, Mário se vangloriava do feito com vizinhos e no bar na esquina de sua casa, e provavelmente foi assim que sua participação no assassinato de Glauber chegou até o grupo do Pança. Sete dias após a morte de Glauber, Mário foi abordado por uma moto, na qual estavam Bruno e Paulinho, e foi alvejado diversas vezes pelo garupa, morrendo no local.

O homicídio de Mário, que não fazia parte diretamente de nenhum dos dois grupos rivais, foi inserida nesta cadeia de homicídios tanto pelo seu caráter retaliatório – ele é assassinado como uma vingança por seu papel na morte de Glauber –, como por demonstrar que, em situações de conflitos violentos no “mundo do crime”, muitas vezes são criadas oportunidades, e evidentemente riscos, para ações que visem instrumentalizar a rivalidade violenta para seus próprios fins. A ação de Mário para mobilizar o grupo da Ita contra um de seus agressores do grupo do Pança é bem-sucedida, mas tão logo se torna pública, ele se torna um alvo legítimo da *guerra*, e é assassinado como represália.

Três meses após o episódio que vitimou Zico (situação 3), e que marcou o final de semana em que a *guerra estourou* no Alto Vera Cruz, sua irmã e seu primo arquitetam uma vingança contra Gustavo (S.7), um dos dois algozes de Zico, e o único que ainda estava vivo, já que Marco Túlio havia sido morto pela polícia meses antes.

**Situação 7 – Junho de 2014:** Gustavo, de 17 anos, morador do Alto Vera Cruz e integrante do grupo da Ita, estava retornando para sua casa na madrugada de moto, quando viu um grupo de meninas no qual constava Manoela, de 21 anos, que o chamou para conversar. Gustavo encostou a moto, tirou o capacete e enquanto conversava com Manoela, foi surpreendido pelas costas por Fabinho, que disparou contra ele sete vezes a queima roupa, matando-o e roubando sua moto.

Manoela era namorada de Stephanie, irmã de Zico, morto por Gustavo em março de 2014. Ela e seu primo, Fabinho, de 27 anos, teriam combinado com Manoela a dinâmica dessa vingança. O caso da vingança de Stephanie e de Fabinho<sup>7</sup> novamente apresenta uma situação na qual pessoas que não são diretamente associadas aos coletivos criminais em *guerra* acabam por se envolver como protagonistas na cadeia de homicídios. Até o momento do assassinato de Gustavo, nem Stephanie nem Fabinho possuíam qualquer registro prévio no sistema de justiça criminal, assim como

---

<sup>7</sup> (marcados em conjunto com Zico como Família 2 na Figura 4)

meus interlocutores os descrevem como jovens que faziam uso ocasional de drogas, frequentavam festas na companhia de Zico e demais primos, mas que, efetivamente, não possuíam grande envolvimento com o tráfico local ou com outras práticas violentas no bairro. Após esse homicídio, que foi considerado pelos integrantes do grupo da Ita como uma *covardia*, já que Gustavo foi morto de surpresa por pessoas sem envolvimento direto na *guerra*, diversas vezes os jovens da Ita passaram de moto gritando ameaças e dando tiros no portão das casas de Stephanie e de Fabinho – chegando a ferir o irmão adolescente deste último com um tiro de raspão –, o que levou a família toda a se mudar do bairro em julho.

**Situação 8 – Julho de 2014:** Flávio, morador do Alto Vera Cruz, de 23 anos de idade, tinha uma série de registros policiais por assaltos e tráfico de drogas, e mantinha uma relação periférica com os integrantes do grupo da Ita. Segundo Rafael, irmão mais velho de Flávio, Flávio se envolveu em uma discussão com alguns integrantes do grupo da Ita, e parou de comprar drogas para revender com eles, passando a estabelecer uma relação comercial com o grupo do Pança. Segundo testemunhas ouvidas pela polícia civil, Felipe e Leo, do grupo da Ita, se aproximaram do portão da casa de Flávio, que estava vendo televisão, e chamaram seu nome. Quando atendeu a porta Flávio foi executado com seis tiros.

Este é mais um assassinato que, embora se relacione com a guerra entre os grupos do Pança e Ita, envolve um ator que não fazia parte diretamente da dinâmica de rivalidades violentas, ainda que profundamente inserido no “mundo do crime” na zona leste de Belo Horizonte. Os acusados, Felipe e Leo, integrantes da gangue da Ita, seriam, segundo o próprio irmão da vítima, aqueles com quem Flávio teria se desentendido em um primeiro momento, o que teria motivado sua mudança de fornecedores de drogas – Flávio passou a comprar cocaína para revender com os jovens do grupo do Pança –, o que teria tornado ainda pior sua relação com os membros do grupo da Ita. A lógica da *guerra* prevalece sobre outros acordos e arranjos quando esta *estoura*, marcando uma cisão do “mundo do crime” local em dois lados, e evidenciando os riscos de fazer a transição de um polo ao outro do conflito.

**Situação 9 – Setembro de 2014:** Helton, de 29 anos, fazia parte do grupo do Pança, e estava saindo da boca de madrugada para se encontrar com uma garota com quem estava conversando no celular. Ao sair de um beco, foi surpreendido por Washington, do grupo da Ita, que disparou diversas vezes contra ele. Helton também estava armado e revidou atirando contra seu agressor, mas já havia sido atingido, e não resistiu por muito tempo, caindo em uma escadaria, onde foi executado por Washington com mais uma dezena de tiros. Marcela,

a jovem com quem Helton conversava, foi identificada pela polícia civil em outro bairro, e ao depor contou que teve seu cabelo cortado e que foi espancada por integrantes do grupo do Pança, que a acusaram de fazer uma “casinha” para Helton, o que ela nega, e que só não foi morta pois prometeu se mudar do Alto Vera Cruz e não retornar.

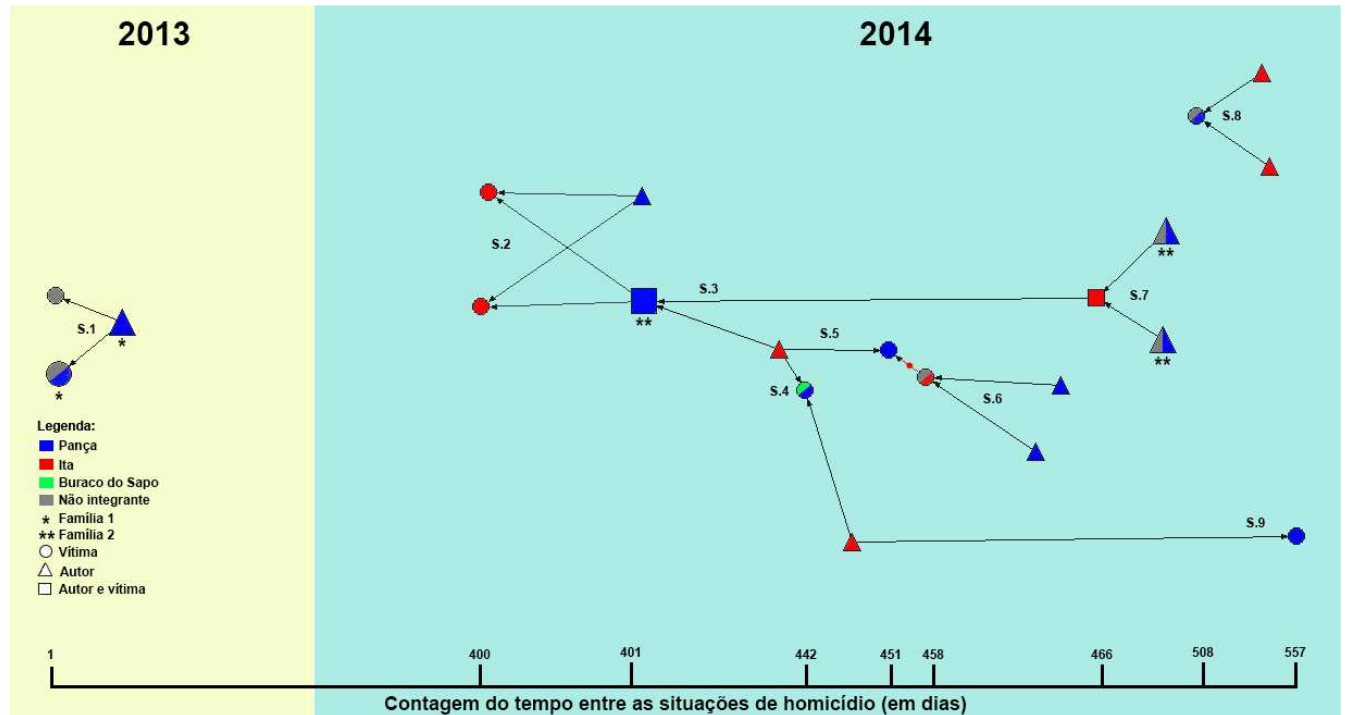
A morte de Helton se encaixa em um modelo mais próximo do imaginário do que seria a *guerra* entre dois grupos criminais nas periferias de Belo Horizonte – ambos os atores eram profundamente envolvidos com a criminalidade violenta, estavam armados e trocam tiros antes do desfecho fatal. Esse foi o único caso nas situações analisadas em minha pesquisa no qual a vítima chegou a revidar com uma arma de fogo, o que se deu somente pelo fato do ataque surpresa de Washington não foi bem-sucedido de imediato. Marcela, por sua vez, foi vítima de uma agressão retaliatória em relação ao assassinato de Helton, e só não foi morta pois seu celular tinha registro de conversas antigas com Helton, o que, segundo ela, provava que eles já haviam ficado juntos antes, e que ela não teria envolvimento com sua morte. Como pairava a dúvida, os integrantes do grupo do Pança a expulsaram do bairro, após uma série de agressões.

Este é apenas um recorte da primeira metade da guerra entre os grupos que tornou o Alto Vera Cruz um dos bairros mais violentos da capital mineira nos anos 2014 e 2015 e, como tal, não traz toda a complexidade da trama de relações e retalições. Dito isso, esta rede de homicídios, ainda que incompleta, apresenta uma série de elementos que me parecem relevantes para análise: 9 situações de homicídios que se inserem na narrativa da guerra entre os grupos do Pança e da Ita, que deixaram 10 mortos, nem todos identificados como integrantes desses grupos. A figura a seguir busca representar graficamente tanto as relações entre os homicídios desta *guerra*, que não raro vitimaram pessoas envolvidas em mortes e agressões anteriores, como também, apontar sua filiação no conflito entre os grupos do Pança e da rua Ita, e a forma como esses se distribuíram durante os anos de 2013, e sobretudo, de 2014.

Como a legenda da figura a seguir indica, os pontos de cor azul representam os integrantes do grupo do Pança e os vermelhos, a Ita. Por sua vez, os círculos representam as vítimas (tentadas ou consumadas), os triângulos são os agressores, e os quadrados representam atores que foram tanto vítimas quanto agressores nessa rede. As setas, que ligam agressores e vítima, vão na direção destes últimos. Na rede abaixo existem algumas relações de parentesco entre os atores (a primeira entre sobrinho e tio, a segunda, entre primos e irmãos), indicadas por asteriscos e ícones

levemente maiores. Cada situação de homicídio foi numerada da mesma forma que as descrições apresentadas no corpo do texto (situação 1 como S.1, etc.)

**Figura 1 – Representação gráfica dos papéis dos atores e suas relações na guerra entre os grupos do Pança e da Ita – 2013 a 2014**



Ainda que esta representação da guerra entre os grupos esteja incompleta, acredito sua elaboração por meio da leitura e análise dos inquéritos policiais de homicídios e entrevistas com moradores do bairro, contribua na compreensão deste tipo de dinâmica dos homicídios retaliatórios ou guerras. As 9 situações de assassinatos descritas anteriormente envolveram diretamente, ao menos 21 pessoas, não necessariamente pertencentes aos coletivos criminais que estavam em *guerra*. Um dos elementos que chama a atenção é justamente a forma como a *guerra* do Alto Vera Cruz se expandiu e passa a envolver outros atores para além das duas gangues originalmente envolvidas nesse conflito, como outros traficantes de drogas, interesses romântico-afetivos, e demais moradores da região.

### Um acordo pelo fim da guerra

Os embates violentos entre os grupos da rua Itamar e do Pança se mantiveram constantes até meados de 2015. Durante as entrevistas, meus interlocutores relatam que no início do ano, era raro ver alguma pessoa na rua após as 22 horas que não

pertencesse a um dos grupos, em uma espécie de toque de recolher não declarado que perdurou por meses e que manteve bares fechados, praças desertas e atividades para o público jovem praticamente vazias. Neste mesmo período, a Polícia Civil de Minas Gerais elaborou um relatório no qual apontou o Alto Vera Cruz como o bairro mais violento de Belo Horizonte, o que deu certa visibilidade na mídia local a este conflito e às mortes dele decorrentes<sup>8</sup>.

Ainda de acordo com os entrevistados, em meados do ano de 2015 a maioria dos integrantes de destaque e liderança de ambos os grupos já havia sido presa, mas a dinâmica intensa de confrontos armados se manteve, e jovens cada vez mais novos aderiam a um dos lados da *guerra*. O resultado deste processo de entrada de participantes cada vez mais jovens foi o recrudescimento dos confrontos, nos quais as namoradas e os parentes dos envolvidos passaram a ser agredidos e considerados como alvos válidos de retaliações. Um comportamento que, anteriormente, poderia ser considerado como uma *covardia* – agredir familiares dos rivais – passou a ser normalizado na guerra por ambos os lados, o que produz territórios que não devem ser perpassados por quem vive no bairro, de acordo com seu local de moradia, sejam eles diretamente envolvidos ou não na guerra entre os grupos.

Em outubro de 2015, a gangue da Ita consegue se articular e, após uma série de homicídios além de uma disputa interna dentro do próprio grupo do Pança, expulsa uma de suas lideranças do bairro. Com esse avanço, o grupo da Ita expande enormemente sua possibilidade de circulação pelo território do Alto Vera Cruz, ainda que não tenha tomado os pontos de vendas de drogas de seus rivais, como relata Picolé:

Aqui tem negócio também, tipo assim, é até engraçado porque antes da guerra desses meninos acabar assim, com eles ainda em guerra, os meninos do Pança acabaram fazendo um negócio que acontece muito aqui também: eles se voltaram contra o próprio patrão, e armaram uma guerra com o próprio patrão deles, então o grupo enfraqueceu. Numa dessas confusões deles, vários foram presos, e o pessoal da Ita desceu em peso e expulsou o que sobrou. Esse foi o período que os meninos da Ita podiam descer, porque, pra eles chegarem até aqui, tem que passar pela região do Pança. Então eles podiam descer sossegados. Tipo assim, era um negócio tão engraçado, que eles ficavam brincando num parquinho ali do posto de saúde e falava: “nó eu era afim de vir aqui brincar nesse parquinho e tal, de boa”, negócio até engraçado, porque era um parquinho sem muita graça, mas os caras nunca puderam nem chegar perto. E aí ficaram andando pra tudo quanto é lado, os que tinham parentes ali, pros lados do Pança, começaram visitar, já tinha muito tempo que não via e tal, de boa

---

<sup>8</sup> Por exemplo: <https://www.otempo.com.br/cidades/brigas-do-traffic-dao-a-bairro-alto-vera-cruz-titulo-de-mais-violento-1.999839>. Acesso nov.2020.

mesmo. Mas nisso nunca colocaram ninguém pra vender droga, tipo assim, “não tem ninguém aqui, vamos tomar a boca”, não era essa a ideia. O lance era poder andar pra tudo quanto é lugar sem problema. Mas acho que também não colocaram ninguém [para vender drogas nos pontos que antes eram dos rivais] porque tem isso também, a própria comunidade, o pessoal que tá ali, eles se acostumam se os caras não forem covarde, não oprimir o pessoal e tal, então o pessoal acaba acostumando. Então assim, começa a ter guerra, dar tiro direto, pega tiro na janela da senhora, fura o portão do moço, aí, depois, esses caras de repente estão tudo aqui vendendo na minha porta, aí qual é a ideia? Morador pensa tipo: “eu quase tomei um tiro na cara por causa desses caras. Os meninos que estavam aqui era tão gente boa. Agora tão esses caras cabulosos aqui”

A associação das *guerras* nas periferias de Belo Horizonte com o tráfico de droga reaparece, desta vez relacionado ao domínio territorial dos grupos. Talvez influenciados pelo contexto carioca, é comum presenciar declarações das polícias e de demais atores do sistema de justiça criminal, que atribuem as guerras entre gangues e grupos armados nas periferias e favelas de Belo Horizonte, às “disputas de pontos de vendas de drogas” (ZILLI, 2011; ROCHA, 2012; SAPORI, 2017). No entanto, o relato de Picolé demonstra exatamente o contrário – quando o grupo do Pança se encontrava extremamente enfraquecido, os integrantes da Ita não tomaram seus pontos de vendas, mas aproveitaram as novas possibilidades de circulação e uso do território. E mesmo que a intenção fosse a tomada dos pontos de venda de drogas dos rivais, Picolé aponta que nos territórios do grupo do Pança até muito recentemente os jovens da Ita eram vistos como inimigos. Assim, seria improvável que, mesmo que estes tentassem tomar as bocas dos jovens do Pança, pudessem contar com algum auxílio e apoio dos moradores daquela área.

Finalmente em 2016, com o grupo do Pança bastante fragilizado tanto pelos homicídios, a prisão de vários integrantes, uma cisão interna e a perda de território, os conflitos entre os dois grupos começam a diminuir de intensidade, até que finalmente foi combinada uma trégua entre eles. O final dessa guerra se deu por meio de um acordo tecido, de acordo com meus entrevistados, pelas lideranças presas de ambos os grupos e transmitido para os integrantes em liberdade, em sua grande maioria adolescentes. César, nascido e criado no bairro, que teve um intenso envolvimento com o tráfico na adolescência e agora era uma das lideranças da CUFA na cidade, acompanhou, ainda que à distância, o processo de elaboração de uma trégua:

Assim a gente já tava fazendo várias atividades com eles [jovens do grupo da Ita], fazendo reuniões com eles, isso enquanto o pau tava quebrando mesmo, guerra direto, e a gente foi e fez essa atividade

com eles [uma ida a um sítio] e foi muito bom, trouxe mais proximidade e confiança deles com a gente, até pra resolver essas questões. Aí a gente foi e continuou, mas não foi a gente que chegou neles e falou assim: “ah morre essa guerra”. A questão que eu tava te falando de tato era isso, a gente viu que era muito delicado fazer isso, de tentar a gente mediar o fim da guerra. Às vezes, a gente perguntava um lado e perguntava o outro, tipo sondando: “e aí, tem jeito de pá, morrer essa guerra?” Aí eles falavam: “ah não, já morreu parentes nossos, já derramou sangue nosso”. Era uma coisa que eles falavam muito: “já derramou sangue nosso, tem como voltar não, cara”. Aí a gente perguntava o outro, era a mesma coisa: “ah não, não tem jeito não e tal”. Aí a gente ficava só assim, a gente nunca forçou a barra porque é delicado. Mas aí, diante disso, com o tempo teve coisas que aconteceram, desse dinamismo assim, a guerra esgotou, e caminhou pra isso aí, eles conversaram.

*Mas como foi essa conversa? Foi aqui no bairro? Foi na cadeia?*

Parece que teve uma conversa assim na cadeia, e depois um grupo, um rendeu o outro e falou: “e aí?” Porque o grupo de baixo [Pança] queria morrer a guerra e o daqui [Ita] não. “E aí, vamos fazer essa guerra ou vamos acabar com isso aqui agora?” “Ah não, nós vamos conversar”. E rolou uma conversa, inclusive com os que tavam presos. Eles não se amam não, sabe, mas se toleram, tirou a situação de guerra.

A guerra entre os dois grupos entra em hiato devido a uma articulação interna dos próprios atores do “mundo do crime”, após uma iniciativa do grupo do Pança, apoiada por integrantes de ambos os grupos que estavam presos no mesmo local. O relato de César também traz a justificativa dos jovens dos dois grupos quando a guerra estava em seu auge – a dinâmica de conflitos violentos entre os dois grupos já havia tirado muitas vidas, “muito sangue nosso” foi derramado, ambos os lados do conflito haviam perdido amigos e parentes, e a única solução possível naquele momento era a retaliação, “correr atrás” para vingar as perdas sofridas pelo próprio grupo.

No entanto, com o esgotamento da guerra diante de dezenas de mortes e prisões, bem como o eminente acordo entre algumas das lideranças presas, os jovens que estavam na ponta do conflito, se sentem pressionados por uma trégua, sobretudo os integrantes do grupo do Pança, afetados por uma disputa interna que se desenrolou na primeira metade de 2015. Ainda que os detalhes deste arranjo não sejam totalmente conhecidos, é fato que os homicídios no bairro se reduziram drasticamente em 2016 em relação aos dois anos anteriores, e a livre circulação dos demais moradores foi aos poucos retomada. Não foi o Estado, seja por meio das forças policiais ou de políticas públicas como o Fica Vivo!, que interrompe a continuidade da guerra entre

os dois grupos, mas um combinado que é forjado em dois espaços distintos, porém intimamente conectados, do “mundo do crime” – o sistema prisional, e os jovens que estão na linha de frente do conflito nas ruas do Alto Vera Cruz.

## **Conclusão**

Ao analisar a dinâmica da *guerra* entre os grupos da rua Ita e do Pança na periferia de Belo Horizonte, o artigo buscou demonstrar como parte significativa da violência letal na capital mineira se estrutura com base em relações de rivalidades grupais e retaliações, que podem até se relacionar com a prática do tráfico de drogas, mas que rapidamente adquirem uma dinâmica própria de reciprocidade violenta. Práticas comuns a outras capitais, como a tomada das bocas de fumo ou biqueiras, não aparecem na guerra em questão, pelo contrário: o objetivo último é o extermínio do rival e a vingança de um parceiro, cuja morte, não raro é vista como uma *covardia* ou *traíagem*. Dessa forma, a violência letal é vista como instrumento de reparação de uma injustiça, a forma de “*correr atrás*” para executar uma vingança contra o algoz anterior.

É evidente que o tráfico de drogas tem um papel fundamental na dinâmica criminal desses bairros, compondo um dos comércios ilegais mais lucrativos destas localidades, cujo alcance se expande para além dos jovens que fazem a venda no varejo e muitas vezes compõem essas gangues locais. No entanto, uma das constatações desta pesquisa é que após o início dos confrontos e das mortes entre os grupos, o tráfico de drogas aparentemente perde relevância como motivação frente às agressões e mortes sofridas causadas pelos rivais. A vingança passa a ser a motivação dos ataques e contra-ataques, e a causa inicial do conflito perde significado frente à justificativa de matar aqueles que mataram, a obrigação moral de eliminar o assassino de um dos meus, que de acordo com Anspach (2012), é uma espécie de dívida perpétua o que imediatamente coloca os assassinos como alvos de novas investidas e assim sucessivamente.

Frente a este cenário de narrativas divergentes ainda que no interior do regime normativo do “mundo do crime” sobre um mesmo episódio, mobilizo a noção de uma gramática moral do crime, uma espécie de repositório em constante modificação composto por princípios, práticas, interdições e tipos, conteúdos simbólicos partilhados por aqueles atores que, em alguma medida, interagem com o “mundo do crime” e seu



léxico, ainda que necessariamente não estejam envolvidos diretamente em suas práticas. Em um contexto de extrema pulverização dos grupos criminais como nas periferias de Belo Horizonte, onde não raro uma dezena de grupos tece rede de alianças e rivalidades (ZILLI, 2011; ROCHA, 2015), é praticamente impossível que um desses atores seja reconhecido com legitimidade para ocupar o papel de mediador ou árbitro das disputas internas do “mundo do crime”. A ausência de um ator ao mesmo tempo reconhecido como legítimo e com instrumentos de força para garantir sua como aquele que arbitra os conflitos e opera a gestão da violência, tem como consequência a propagação dos conflitos calcados em múltiplas narrativas morais, e interpretações distintas acerca de quem estaria correto ou não naquela situação.

Neste cenário, a gramática moral do crime passa a ser articulada não visando à disputa por uma única “verdade” a ser reconhecida pelos demais atores, mas sim a formação de justificativas morais para o curso de ação escolhido, o que inclui as retaliações violentas. Estabelece-se um cenário bastante frouxo de possibilidades de articulação dos elementos da gramática moral do crime, já que não existe um ator ou instância no qual o discurso moral será confrontado com o de outros atores daquela disputa. Sem um mediador ou instância superior, como ocorre nas periferias paulistas, mas também em alguma medida e em configurações mais recentes em algumas cidades do Nordeste do país, as guerras não apenas “estouram”, mas seus conflitos se multiplicam e se estendem para a rede social de seus envolvidos, tornando-se uma bola de neve que, direta ou indiretamente, marca a vida de todos os moradores desses bairros.

## **Referências bibliográficas**

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. (1999), “The sociology of critical capacity”. *European Journal of Social Theory*, Vol. 2, nº 3, pp. 359-377.

CRUZ, Wilson Jose Antônio da. Os entraves para o surgimento da eficácia coletiva: um estudo de casos em um aglomerado de Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: UNESP/CEM-Centro de Estudos da metrópole, 2011.

GRILLO, Carolina Christoph. Da violência urbana à guerra: Repensando a sociabilidade violenta. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 12, n. 1, p. 62-92, 2019.

MANSO, Bruno Paes. *O Homem X: uma reportagem sobre a alma do assassino em São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. *A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil*. Editora Todavia SA, 2018.

PAIVA, Luiz Fábio S. “Aqui Não Tem Gangue, Tem Facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. *Caderno CRH*, v. 32, n. 85, p. 165-184, 2019.

ROCHA, Rafael Lacerda Silveira. A guerra como forma de relação: Uma análise das rivalidades violentas entre gangues em um aglomerado de Belo Horizonte. *Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 2, pp. 277-301, 2015.

ROCHA, Rafael Lacerda Silveira. *Vinganças, guerras e retaliações: Um estudo sobre o conteúdo moral dos homicídios de caráter retaliatório nas periferias de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ROCHA, Rafael Lacerda Silveira. Sobre a gramática moral do crime: A mobilização de justificativas e acusações em homicídios na Zona Leste de Belo Horizonte. *Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 3, pp. 737-757, 2020.

SAPORI, Luis Flavio. *A relação entre comércio de drogas ilícitas e homicídios no Brasil: um estudo comparativo das cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL)*. Artigo em mimeo. 2017.

SIMMEL, Georg. The number of members as determining the sociological form of the group. *American Journal of Sociology*, v. 8, n. 1, p. 1-46, 1902.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil*. 2010.

ZILLI, Luís Felipe. *Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

ZILLI, Luís Felipe. *O bonde tá formado: gangues, ambiente urbano e criminalidade violenta*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011a.